

CARTA (PARA) SOBRE ÊS NECESSIDADES¹

Letter (to) about needs

Resumo: As palavras entrelaçadas a seguir tratam-se de um esforço, tomado como ensaístico, dedicado a pensar como a branquitude aciona a caridade enquanto uma instituição de biopoder na manutenção de seus privilégios. Engatilhado pela provação de Zora Neale Hurston acerca do que nomeou como “Sistema ‘Negro de Estimação’” ocorre, aqui, um desejo de refletir como o caso de racismo vivenciado pelo entregador Max Negro fora abraçado pela branquitude brasileira de forma a não desestabilizar as égides da Casa Grande, fazendo-a parecer o lar de bondade que pretende gerar na estima um senso de dívida e de gratidão.

Abstract: The following intertwined words are an essayistic effort dedicated to thinking about how whiteness uses charity as a biopower institution to maintain its privileges. Engendered by Zora Neale Hurston’s proof of what she called the “The ‘pet negro’ system”, there is a desire here to reflect on how the case of racism experienced by delivery man, Max Negro, was embraced by Brazilian whiteness in such a way as not to destabilize the aegis of the Big House, making it seem like the home of kindness that aims to generate a sense of debt and gratitude in esteem.

INTRODUÇÃO



Figura 1. A Santa Ceia de uma família de bem. Fonte: Colagem digital autoral

Irmãos e irmãs, retiro meu texto nesta manhã do Livro de Dixie. Aqui tomam forma o meu texto e meu tempo. Agora está escrito aqui: ‘E todo homem branco possuirá a autorização para domesticar um Negro. Sim, ele tomará um homem negro para si próprio para acariciar e estimar, e esse mesmo Negro será perfeito aos seus olhos. Nem o ódio entre as raças dos homens, nem as condições de luta nas cidades muradas, diminuem o orgulho e prazer em ter seu próprio Negro.’ (Hurston, 2021, p. 92).

Escrever uma carta demanda a revelação de a quem se remete. Então, para quem escrevo? Quem são os necessitados de que falo? Por que falo? Por que escrevo? Escrevo para enunciar o desconforto com quem diz ajudar, com quem na estima da caridade quer nos tornar estimação.

Não estou a falar de planos conspiratórios e maquiavélicos, desejo ir além do que essas palavras podem circundar. Quero falar de uma cena para a qual parecemos retornar em constância, a reencenação colonial (Kilomba, 2019).

O Negro de estimação, querido, é aquele que um ou mais brancos, em particular, aspiram ter para que façam todas as coisas proibidas

aos outros Negros. Pode ser tia Sue, tio Stump ou o homem negro à frente de alguma organização Negra (Hurston, 2021, p. 93).

Negros de estimação. Sei o quão desconcertante pode soar esta expressão. Não foi fácil degluti-la quando Zora Neale Hurston a apresentou para mim. Em algum lugar de mim, isto ressoava como um desaforo para o qual não sabia como responder. Terá sido eu uma negra de estimação? A quantos brancos servi ou ainda estou servindo?

Quando mais me aprofundei nas camadas escritas por Zora, entendi que não eram essas perguntas que ela esperava de mim. Penso que parte do meu incômodo vinha de um desejo em negar uma serviência que me reinserisse nas tramas da colonialidade. Queria me sentir desvencilhada, não mais refém e sim, liberta. Foi isso que conseguimos, não? Liberdade. Por que ainda, então, não me sinto livre?

Ao mesmo instante que desejava expurgar essa expressão, ela me atraía. Como consegue essa comportar uma palavra – estima – e seu desdobramento – estimação – com semânticas tão avessas uma à outra. Quando a ação da estima se torna uma prisão?

Havia manifestado o meu anseio em discorrer sobre a caridade aqui, penso que essa ação de estima, nas mãos alvas que se erguem aos corpos alvos necessitados, possa pertencer a uma rede de mecanismos que ambicione odisséias sobre brancos heróis e seus negros estimados, mantendo assim a lógica natural de quem pode dar e quem poder receber.

Para isso, careço fazer um relato:

Certo dia, uma mulher branca caminhava tranquilamente nas calçadas do Rio de Janeiro, até que se depara com um corpo indulgente, um corpo negro, de um homem negro, um insulto a sua vida. Na ausência da fragilidade que lhe é esperada e permitida, decide resolver o que lhe incomoda, este corpo negro a vagar pela rua. Ela o açoita, em público, diversas vezes. Estar entre

Luana Rodrigues Nascimento

Graduanda em Arqueologia na Universidade Federal de Minas – UFMG.

Contato

rodriguesnc.luan@gmail.com

Palavras-chave:

branquitude; caridade; racismo.

Keywords:

whiteness; charity; racism.

¹ Buscará ao no decorrer do texto fazer uso da linguagem neutra tendo como referência a produção de Gioni Caê de forma conjunta à coletiva Frente Trans Unileira – Manual para o uso da linguagem neutra em língua portuguesa (2020) –, em que se sugere a alteração dos artigos definidos com marcação binária de gênero por ê/ês, sendo que o acento circunflexo é acionado como forma de diferenciar da conjunção ‘e’. Também se faz a ressalva de para aquelas pessoas para as quais se conhece sua identificação com a atribuição gênero feito, optará pela permanência da grafia relacionada.

outros não a constrange, quem se preocuparia com um homem negro com seu corpo-ameaça? A atitude da sinhã foi justificada por uma ausência de consciência – pobre dela – e ela pode sair da instituição que a deveria punir com o mesmo caminho leve que antes. A sinhã precisava de um corpo negro para aliviar a raiva e o desprezo que sente por todos os parecidos com ele.

A reencenação é contínua, nossos corpos negros sabem disso, embora vocês brancos queiram passar despercebidos dela. Apenas estamos inseridos nela constantemente porque somos trazidos por vocês, que em seus pactos narcísicos (Bento, 2002) detêm uma particular recusa em abandonar aquilo que lhes privilegiam, o que as brancuras de suas peles ofertam.

A branquitude tem um certo fascínio e fetiche pela exposição de nossos corpos diante das violências, consomem com constância pornografias da nossa dor. As filmagens que expõem a violação a Max ngelo Alves dos Santos, vítima da sinhã, foram amplamente reproduzidas, várias curtidas, várias notícias. Na maioria delas, apenas à sinhã foi dado direito de ter um nome, de ser adjetivada como humano, uma mulher. Max era o entregador, o motoboy. Max era a redução de uma função, de corpo de trabalho, nunca alguém, nunca um ser (Carneiro, 2023). Quem somos a não ser pobres negres?

O que choca aqui: o nível de violência contra a vida de Max ou a quebra de expectativa quanto ao comportamento supostamente frágil da sinhã? É interessante pensar a articulação dos discursos das emoções em situações como essa. A surpresa de pessoas brancas com uma das suas açoitando um homem negro em meio público é um rompimento na matrix de uma narrativa fantasiosa de um país da diversidade, onde brancos, negros e indígenas vivem felizes e cantam uma bela canção. Uma trinca na ficcionalidade da democracia racial. Força as pessoas a terem que lidar com quem quer que seja indizível, o racismo. Curioso o espanto de certas pessoas brancas que de suas casas mantêm subempregadas diversas das nossas em quatinhos de empregada, suas novas senzalas.

Não é só no açoite que se faz uma sinhã e um senhorzinho.

Haja visto a fratura na matrix racial, o que fazer, como reparar, como fazer a Casa Grande ninar em paz outra vez (Evaristo, 2007; 2017), sem necessitar pensar em como fazer parecer que se preocupam com os corpos negros estirados no chão? Caridade parece ofertar uma generosa solução, atraí atenção, um nível grandioso de curtidas, um bom anestésico midiático. O que um homem negro violentado precisa? O que nós precisamos, bons brancos?

Com o passar dos dias, com o passar das curtidas, fomos “surpreendidos” com a generosidade de dois bons senhores brancos que decidem promover uma campanha para arrecadar um montante de dinheiro, sendo adquirido no final um valor de 240 mil reais. Além disso, Max

recebeu gentilmente de um desses senhores uma cesta básica bem como uma motocicleta e uma bicicleta elétrica da empresa IFood para a qual ele já vendia sua força de trabalho. É este que nos dignifica, não? É disso que precisamos. Devemos agradecer, que outro negro receberia tão grandiosa ajuda e cuidado?

Antes que pensem, não sou contra atitudes que proporcionem o mínimo de dignidade às pessoas – se é essa obviedade preciso dizer – estamos em constante luta para isso. Entretanto, coloco em questão um ponto, o que está em evidência nas narrativas desses gestos: Uma busca pelo entendimento como combate ao sistema que precariza e gesta as vidas negras a partir de subalternização e morte ou a generosidade de duas pessoas brancas?

“Juntos, vamos comprar uma casa para o Max, entregador agredido no Rio de Janeiro. A nossa missão é dar um final feliz para a história do Max ngelo dos Santos! Juntos, vamos conseguir amenizar a dor deste pai de família.”

“Acreditamos que o brasileiro é, acima de tudo, um povo justo e solidário e irá abraçar essa missão! Contamos muito com o apoio de todos vocês!”

Trechos retiradas da página destinada a arrecadação de dinheiro para Max ngelo Alves dos Santos

“Famosos apoiam e vaquinha virtual para entregador ‘chicoteado’ ultrapassa objetivo”

Headline da página Revista Fórum, 2023

“Atitude tomada por Luciano Huck explode e faz vida de entregador do RJ mudar para sempre”

“Luciano Huck surpreende com atitude comovente com um entregador que teve uma grande reviravolta em sua vida.”

Headline da página TV Foco, 2023

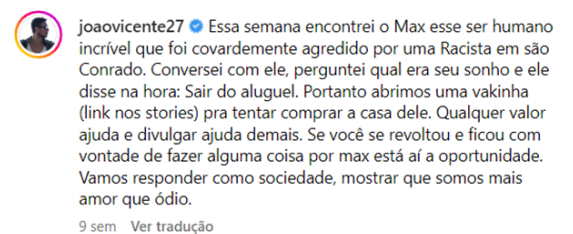


Figura 2. Publicação retirada do perfil público do ator João Vicente, um dos responsáveis pela criação da campanha junto ao apresentador Luciano Huck. Fonte: Vicente, 2023.

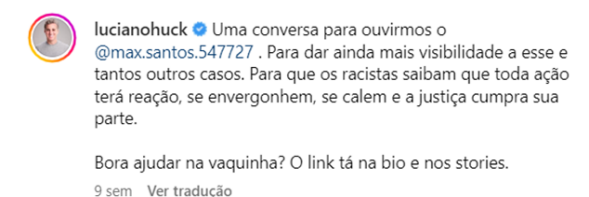


Figura 3. Publicação retirada do perfil público do apresentador Luciano Huck a respeito da campanha. Fonte: Huck, 2023

Gostaria de ressaltar um aspecto que se destaca bem como é comum nessas publicações. Há um manejo discursivo da moralidade: “Dar um final feliz”; “pai de família”; “povo justo e solidário”; “mostrar que somos mais amor do que ódio”. Qual é o impacto do acionamento de valores sob uma perspectiva judaico-cristãos como de compaixão, amor, solidariedade, família diante do racismo estrutural (Almeida, 2019) como da manutenção de privilégios da branquitude?

A SALVAÇÃO BRANCA NECESSITA DE PRETOS DIGNOS

“Ser humano incrível”, “Pai de família”, assim foi categorizado Max ngelo por aqueles que dizem querer ajudá-lo. Não nego que sejam qualificações, as quais, ele faça completo jus, mas por que ressaltá-las aqui? O que o acionamento delas representa? A violência que Max vivenciou não seria argumento suficiente num pedido de apoio a ele? Ou o açoite é consentido aqueles que de alguma maneira não performam a boa moral da família brasileira, pretos desobedientes moralmente, podem ser açoitados?

O que faltou à Rosângela Sibebe, que foi brutalmente abordada e presa por policiais, ao furtar para saciar sua fome e dos seus um valor de R\$21,69 em alimentos. Rosângela também era mãe, o que lhe faltava? Moral? Ser um humano incrível? E quanto a Jeremias e Jamile, casal negro que foram torturados dentro das dependências do Carrefour no furto de dois pacotes de leite em pó para suas filhas? Um pai e uma mãe de família. O que lhes faltaram então, por que não foram acolhidos pela branca carestia?

Quando liberta do cárcere, Rosângela diz em entrevista: “Meu grande sonho é ser gente. Eu ainda não sei o que é isso, não sei o que é ser mãe, filha, irmã”. Frase retirada da entrevista de Rosângela Sibebe ao Brasil Urgente.²

A frase de Sibebe diz sobre a tentativa de destituição do seu ser, que ela infelizmente bem compreende. Ninguém viria por ela. Ninguém viria por Jeremias e Jamile, a não ser ês nosses. As mãos brancas jamais estenderiam esmolas a pretos desobedientes. Infratores. Não é disso que se trata a benevolência branca, com cruz salva quem julga recuperáveis e com a espada encarcerada decapita quem lhes são problema.

[...] a importância das demarcações, seleções e classificações entre os necessitados atendidos (ou potencialmente atendidos) [...] resultaria na divisão do mundo dos pobres. Estes seriam subdivididos entre: os dignos e os indignos; os recuperáveis e os irrecuperáveis; os sadios e os doentes; os válidos e inválidos, os normais e os anormais.

Todas essas classificações teriam “critérios racionais” de atribuição, onde, obviamente a subjetividade e a perspectiva de classe do observador jogaria importante papel no julgamento [...] (Quiroga, 2010, p. 8–9).

A branquitude volta-se com atenção ao caso

de Max ngelo, pois nele vê uma possibilidade de troca, contudo, antes, precisa-se higienizar a figura desse que quer se solidarizar, um corpo negro é cerceado pela amoralidade, na criação dessa categoria ficcional – negro – como nos dirá Achille Mbembe (2018), a semântica nunca é pensada na produção de um bom significado, de uma adjetivação positiva, quando não objeto a ser explorado, os verbetes seguintes tão pouco são agradáveis. Quem quer ser negro, não é? Então, esse corpo negro precisa de valores outros, mais claros, mais brancos: Família, Deus e Trabalho. Valores que limpem essa amoralidade negra de sua pele.

O coronel dirá para você que ele se opõe à educação superior para os Negros. Isso os torna perversos e astuciosos. Coisa ruim para os Negros. Ele é contra ter negros adoráveis e simples se tornando malandros por excesso de escolaridade. Mas há exceções. Veja o John, por exemplo. Trabalhou bastante, economizou seu dinheiro, entrou para Universidade Howard e se formou em educação. Inteligente como um chicote! Percebendo que John tinha uma cabeça tão preparada, é claro que ele auxiliou John quando necessário. Não que ele fizesse isso para qualquer ‘pretinho’ promédio, não senhor! [...] Sulista estritamente despudorado, disposto a lutar pela supremacia branca! Mas o John dele é diferente (Hurston, 2021, p. 93).

Max não se torna um delus ao ser inserido nessas narrativas, contudo, a partir delas, sua imagem se torna mais simpatizante, mais digna. Creio que a intelectualidade de Mbembe (2018) acerca de sua proposição sobre Necropolítica caiba bem com o gerir, pela branquitude, das instituições de Caridade e Filantropia, entretanto, não somente via Estado, como também, via privada. Uma tática com sua eficiência em gerir a vida e a morte a partir das moralidades das migalhas, das esmolas. Diante de um bom gesto estabelece-se um acordo de esquecimento das opressões sistêmicas e estruturais, as eclipsa, as mantêm no controle e o mais importante, o final feliz a história de Max ngelo, todos se esquecem de seu país racista.

Há um outro aspecto sobre esse mecanismo articulado pela branquitude que gostaria de aqui explorar: a dívida. Para tanto, valho-me da linha raciocínio de David Graeber, antropólogo estadunidense, que se dedica em sua obra “Dívida: os primeiros 5000 anos” (2011) a pensar as premissas que a envolve bem como argumentar que essa desenvolveu um papel central no que nomeia como história de evolução humana.

Confesso que tenho maior interesse pela primeira proposta, já que pouco partilho do consenso de que a essencialização de vivências humanas seja um caminho produtivo para compreendê-las em suas diversidades e complexidades. Amparada nas intelectualidades de Ailton Krenak (2019) e Chimamanda Ngozi (2018), penso que seja crucial estarmos atentos a quem atende essas histórias únicas de humanidade, assim estaremos sendo honestos quando as nossas narrativas dialogam com distintas sociabilidades ou quando apenas narram sobre esse clube da humanidade, que

² Disponível em: <<https://revista-marieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2021/10/mae-presa-por-furtar-comida-desabafa-apos-deixar-prisao-meu-sonho-e-ser-gente.html>>. Acesso em 30 abr. 2024.

nunca foi para todos.

Penso que diante do contexto em questão, há um aspecto no processo argumentativo de Graeber que seja interessante aliar à reflexão. O autor coloca que submeter algo à lógica da dívida torna-se possível por meio do desmembramento da coisa de seu contexto, viabilizando sua transformação em moeda de troca (Graeber, 2011).

Esse ponto chama-me a atenção, embora, acredite que em outras sociabilidades essa análise de Graeber encontre limitações, pois o caráter fractal da experiência é uma premissa que não é universal, creio que isso possa auxiliar na compreensão do mecanismo do qual se vale a branquitude nesse caso em questão. Quando a benevolência branca se materializa através de bens de serviço, a branquitude produz uma narrativa e uma tratativa que desmembra o problema de seu contexto, tornando-o viável para troca, de algo que almeja a manutenção da estrutura pelo seu não tensionamento.

Acionamento moral eclipsa a intencionalidade do gesto. A partir do esvaziamento da compreensão do que causa a precarização das vidas negras, a branquitude se faz heroica, reverte os pesos do que é trocado, faz parecer suas migalhas muito maiores do que são e a nossas dores, passíveis de serem curadas com uma cesta básica, com uma bicicleta, gerando assim, um senso de dívida, de um excedente a ser retornado a ela, a garantia de continuar nos explorando.

Logo, não há necessariamente uma contradição no apoio de figuras brancas caridosas e filantrópicas a governos de direitas neoliberais, a escassez criada por meio desses sistemas as favorece, é assim que constroem seus acúmulos (Salhins, 2004), a benevolência seletiva trata-se de um meio de controlar os problemas que esses 'outrificades' podem ocasionar.

No estabelecimento de dívida se espera a geração de um débito, ausência de responsabilização sobre o que privilegia, bem como almeja-se reciprocidade, não ser incomodada sobre a conveniência de seus pactos de silêncio (Kilomba, 2019), ao fim a manutenção da estrutura que a permite ser. A branquitude não se sente em dívida para conosco ou com qualquer um que seja, sente-se acima disso, não há nenhum real anseio na reparação dos nossos, ela estabelece a dívida, o sentido de dever à ela, à sua generosidade, assim, lembra-nos de seu poder de dar e retirar, de seu poder de fazer viver e morrer.

As autoridades brancas assumem que o elemento Negro está satisfeito e eles não sabem o que fazer quando mais tarde descobrem que um número tão grande de Negros cobra indiferença e traição. O amigo branco dos Negros resmungava sobre ingratidão e decide que você simplesmente não consegue entender os Negros. Assim como não consegue compreender as crianças (Hurston, 2021, p. 98).

Nossa súplica não significa esmola, não significa submissão. Vejo sim, as mãos negras estendidas nos sinais, nos chãos, erguidas ou desfalecidas, crescidas ou envelhecidas. Vejo as minhas próprias mãos. Entendo, Rosângela, todos nós queremos ser gente.

Nossa súplica é luta. Nossa súplica é desejo, não pela semântica do utópico, da paz branca irretocável, inalcançável em sua perfectibilidade ideal, trata-se do alcançável, do anseio pelo que nos é possível, pelo que nos é de direito, sermos, existirmos na dignidade, nas pluralidades das nossas produções de desejo.

Sim, Deleuze (2022), acordamos de que não falta nada aos nossos desejos, não incompletos, irreais. Nossos desejos, nossas súplicas aquilombadas são as nossas movimentações que anseiam incendiar a Casa Grande, fazer ruir seus pilares, suas falsas caridades.

Não, cota não é esmola, direito não é esmola. Nossos direitos não são moedas de troca, recusaremos debitar sua dívida, vocês brancos que nos devem há tempos. Não aceitaremos a sua tática desonesta de fagocitar nossas súplicas, uma antropofagia da nossa dor, para que permaneçam acomodados em suas fantasias de justiça.

Nós não negociaremos sobre a premissa da escassez que criaram. Sejam honestes também quanto aos seus desejos, não há privilégio que se garanta diante do acesso pleno de um direito. Não necessitamos de alianças fractais, precisamos de cumplicidades reais, que assumam responsabilidade daquilo que a sua corpa-política garante a vocês.

Não somos necessidades de esmolas, necessitamos de acesso a uma dignidade que não nos queira refêns de brancos que nos estimam. A benevolência branca não nos salva, apenas tarda a gestão da nossa morte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural** (Feminismos Plurais). São Paulo: Jandaíra, 2019.
- BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- CAÊ, Gioni. **Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa**. <https://drive.google.com/file/d/16BQ59w4ePbUqMAzrFwUiCsz3r9zJw9XL/view>. Acesso em: 25 jul. 2020.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta**. 1. ed. São Paulo: Iluminuras, 2022.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). **Representações Performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16–21. Acesso em 30 abr. 2024.
- EVARISTO, Conceição. **“Não escrevemos para adormecer os de Casa Grande.”** Entrevista. Estação Plural. TV Cultura. Junho, 2017. Acesso em 30 abr. 2024.
- GRAEBER, David. **Dívida: Os primeiros 5.000 anos**. 1. ed. São Paulo: Três estrelas, 2011.
- HUCK, Luciano. **Uma conversa para ouvirmos** [...]. [S. l.], 15 abr. 2023. Instagram: @lucianohuck. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CrDwFGcNCxR/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA. Acesso em 20 mai. 2024.
- HURSTON, Zora Neale. O sistema “negro de estimação”. **Ayé: Revista de Antropologia**, [s. l.], Fire!!! Textos escolhidos de Zora Neale Hurston (Edição Especial), 2021. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/652>.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. [S. l.]: n-1 edições, 2018.
- QUIROGA, Ana Maria. **Assistência Social no Rio de Janeiro oitocentista: desqualificação dos atendidos, racismo científico e filantropia**. Rio de Janeiro: ANPUH–XIV Encontro, 2010.
- Revista Fórum**. Famosos apoiam e vaquinha virtual para entregador “chicoteado” ultrapassa objetivo. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/brasil/2023/4/16/famosos-apoiam-vaquinha-virtual-para-entregador-chicoteado-ultrapassa-objetivo-134365.html>>. Acesso em 19 ago. 2024.
- SAHLINS, Marshall. **Cultura na Prática**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.
- TV FOCO**. Atitude tomada por Luciano Huck explode e faz vida de entregador do RJ mudar para sempre. Disponível em: <<https://www.otvfoco.com.br/atitude-luciano-huck-muda-vida-entregador/>>. Acesso em 19 ago. 2024.
- Vakinha**. Vamos Comprar uma Casa para o Max. Disponível em: <<https://www.vakinha.com.br/vaquinha/vamos-comprar-uma-casa-para-o-max-fagner-alves-barbosa>>. Acesso em 19 ago. 2024.
- VICENTE, João. **Essa semana encontrei o Max** [...]. [S. l.], 15 abr. 2023. Instagram: @joaovicente27. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CrD9TOarjXK/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIA. Acesso em 20 mai. 2024.